



O colar da pomba e a defesa omíada na fitna andalusina (1009-1031)

Celia Daniele Moreira de Souza ¹

Resumo: O Colar da Pomba é uma epístola escrita entre 1022 e 1023 pelo jurista Ibn Ḥazm, quando este se encontrava exilado após perder uma das inúmeras batalhas a favor dos omíadas. Tida como uma obra-prima árabe-andalusina, a epístola narra o amor como sentimento de estudo e elevação moral, retratando-o por meio de exemplos anedóticos da aristocracia andalusina sob Califado Omíada de Córdoba. Por meio desta narrativa, consideramos que a epístola promove uma lembrança e uma defesa dos interesses omíadas frente ao desmantelamento de seu poder na guerra civil andalusina (1009-1031). Este artigo apresenta e discute os elementos de defesa e de legitimação instrumentalizados por Ibn Ḥazm ao associar os elementos do amor à causa omíada em sua epístola amorosa.

Palavras-chave: Al-Andalus, Ibn Ḥazm, Califado Omíada de Córdoba.

Abstract: The Necklace of the Dove is an epistle written between 1022 and 1023 by the jurist Ibn Ḥazm, when he was in exile after losing one of the battles, he had fought in favor of the Umayyads. This epistle is considered an Arab-Andalusian masterpiece, and Ibn Ḥazm has described love as a feeling to be studied and to be understood as a moral uplift, portraying it through anecdotal examples of the Andalusian aristocracy under the Umayyad Caliphate of Cordoba. Through this narrative, we consider that the epistle promotes a remembrance and a defense of the Umayyad interests during the dismantling of their power in the Andalusian civil war (1009-1031). This article presents and discusses the elements of defense and legitimation used by Ibn Ḥazm associated to the elements of love for the Umayyad cause in his epistle.

Keywords: Al-Andalus, Ibn Ḥazm, Umayyad Caliphate of Cordoba.

¹ Doutoranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS – UFRJ), mestra em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ).
celiadaniele@ufrj.br

<http://lattes.cnpq.br/0478642590325452>

E-mail: celiadaniele@ufrj.br





Introdução

Ibn Ḥazm é reconhecido como um dos pensadores mais notáveis de Al-Andalus, sendo inclusive considerado pelo filósofo marroquino Mohamad Al-Jabri como o filósofo árabe responsável pela renovação do pensamento árabe clássico (AL-JABRI, 1999: 110). Ele nasceu em Córdoba em 994 e morreu em Montija, atual Huelva, em 1064 e, ao longo de sua vida, atuou como teólogo, genealogista, historiador, religioso, filósofo, literato, jurista e pensador árabe, havendo pertencido à elite do Califado Omíada de Córdoba, sob o qual viveu desde o seu apogeu à sua ruína e completa dissolução.

O Califado Omíada de Córdoba foi um período compreendido entre 929 e 1031: na fase de implantação e estabilidade foram califas ‘Abd Al-Raḥmān III (929 – 961), Al-Ḥakam Al-Mutanṣir (961 – 976) e Hišām II (976 – 1009), e na fase da guerra civil andalusina (1009-1031) dezenas de pretendentes tomaram e disputaram entre si o título califal, sendo eles omíadas ou de outra dinastia, a hamúdida. As causas da dissolução do Califado Omíada de Córdoba foram semeadas ainda em sua fase de estabilidade, quando da morte do califa Al-Ḥakam Al-Mutanṣir e a ascensão de seu filho Hišām II, um menino de apenas onze anos de idade. A incapacidade de Hišām de assumir com total autoridade o papel de califa deu margem para o vizir Al-Manṣūr assumir irrestritamente a liderança do governo, gradativamente anulando a figura califal e tornando-a meramente cerimonial.

Com a derrocada do califa Hišām II em 1009, no início da disputa pelo poder de outros pretendentes omíadas, Ibn Ḥazm, ainda um adolescente, viu sua família perder seus bens e direitos aristocráticos, uma vez que seu pai, Aḥmad trabalhara como vizir de Hišām II e se estava associada com a família do grão-vizir Al-Manṣūr. Em 1016, a legitimidade omíada foi ameaçada com a entrada de uma nova dinastia na disputa do direito ao Califado, os berberes hamúdidas², o que levou a Ibn Ḥazm aderir a uma defesa ferrenha da legitimidade omíada até o fim de sua vida. Em um dos exílios que enfrentou após perder uma das inúmeras batalhas a favor dos omíadas, Ibn Ḥazm escreveu *O Colar da Pomba*, por volta de 1022 e 1023, epístola a qual dedicou narrar o amor e colocar os habitantes da Córdoba califal como personagens de seus exemplos amorosos. A epístola, rica por seu conteúdo literário, também se sobressai por seu conteúdo filosófico, uma releitura de teorias neoplatônicas e do peripatetismo oriental, mas sobretudo, a mesma se

² Dinastia fundada pelo líder berbere Ali Ibn Ḥamūd, o qual fora nomeado governador de Ceuta pelo califa Sulaymān Ibn Al-Ḥakam ibn Sulaymān Ibn Al-Nāsir, mas decidiu insurgir-se contra este, matando-o e tomando o título califal para si.





destaca pela profunda nostalgia e celebração que Ibn Ḥazm faz dos governantes omíadas, e da esperança de que os “velhos tempos” retornem.

Neste sentido, este artigo pretende apresentar as discussões levantadas em minha tese de doutorado sobre o caráter propagandístico que possui a epístola *O Colar da Pomba*, uma vez que ela é escrita num momento de intensa turbulência política, seja para os omíadas – que se encontravam destronados pelos hamúidas – seja pelo próprio Ibn Ḥazm que ansiava por um retorno à corte. Levando em conta a maneira como os próprios omíadas legitimaram seu poder por de recursos ideológicos e simbólicos, consideramos que Ibn Ḥazm se enseja herdeiro do Projeto Cultural Omíada que procurou elevar o Califado Omíada de Córdoba como o verdadeiro polo norteador da *dār al-islām*³.

A legitimação do poder omíada na ascensão do Califado

Em 929, ‘Abd Al-Raḥmān III, então oitavo emir independente de Al-Andalus, reivindicou seu direito dinástico ao califado e ao seu patrimônio ancestral. Ainda que ele caracterizasse seu califado como uma restauração, segundo a historiadora Janina Safran, ‘Abd Al-Raḥmān III instituíra um segundo Califado Omíada em um novo contexto histórico-geográfico (SAFRAN, 2000: 2)

‘Abd Al-Raḥmān III subiu ao poder em 912, após trinta anos de rebelião que reduziram a autoridade omíada à capital Córdoba e suas cercanias. O novo emir passou os próximos vinte anos lutando para restaurar sua soberania sobre os territórios muçulmanos, nos limites dos rios Tejo e Ebro. Após derrotar todos os grupos revoltosos, ‘Abd Al-Raḥmān III consolidou seu poder por meio de medidas práticas e ideológicas: as primeiras foram a expansão da sua administração e do seu exército pessoal, já as segundas foram distribuir benefícios a seus súditos e soldados, a fim de cultivar neles lealdade, além de distinguir sua figura, elevando-a diante de seus opositores e até mesmo dos seus antecessores. Quando de sua aclamação como califa, tal recurso ideológico ganharia outro contorno ao ordenar sua autoridade e legitimidade sob o argumento divino, promovendo-o como um símbolo de unidade, foco de identidade política e religiosa (SAFRAN, 2000: 9).

Ao se declarar “Comandante dos fiéis” ‘Abd Al-Raḥmān III indistinguívelmente definiu sua política dentro dos moldes islâmicos e associou seu governo à longa história

³ Territórios sob a religião islâmica.





da instituição califal e dos modelos predecessores, assim como dos modelos vigentes e que se conclamavam simultaneamente ao título. Como a instituição califal era compreendida como única e universal, ‘Abd Al-Raḥmān III desafiava a autoridade tanto dos abássidas como dos fatímidas com a representação de seu califado, seja de forma explícita, implícita, verbal e simbólica (SAFRAN, 2000: 13). O uso da linguagem religiosa pelo novo califa possuía, portanto, um efeito pragmático: ao mobilizar a religião, ele subjazia a ideia de um bem comum da *umma* (comunidade muçulmana), da vontade divina e não a conquista de poder por uma linhagem, uma família. Ele a utilizava diretamente com os comandantes e oficiais e também com os habitantes da capital para representar sua autoridade de forma mais abrangente, e a ideia, extraída de espelhos de príncipe, de que um governo bem-sucedido era aquele em que seus cidadãos estivessem satisfeitos.

O sucesso da política legitimista ‘Abd Al-Raḥmān III foi tão eficaz, que foi copiada não só por seu filho e sucessor Al-Ḥakam, como também foi instrumentalizada pelo grão-vizir Al-Manṣūr após a morte de Al-Ḥakam, sobretudo no tocante à política militar. As campanhas militares foram fundamentais para a elaboração de uma categorização ideológica, “nós” versus “eles”, estes representados pelo Norte da África e pelo norte da Península, onde estavam os reinos cristãos. No tocante à natureza militar no período califal, um novo elemento seria incrementado na política militar viziral: o reforço de soldados mercenários – eslavos e berberes – ao exército califal por ordem de Al-Manṣūr. Segundo Martinez-Gros, o poder omíada também estava assentado na fidelidade dos exércitos sírios – *jund*, novamente reforçada pelas políticas de ‘Abd Al-Raḥmān III (MARTINEZ-GROS, 2017: 220). Assim, ao incluir um elemento estrangeiro à articulação do exército, diluía-se o componente étnico, tornando a sujeição dos exércitos uma questão mais disciplinar e não moral e política.

Das articulações engendradas para legitimar o poder califal, a cerimonial era realizada por meio de um protocolo ritualístico de corte em que os dirigentes se apresentavam de forma teatral em cerimônias públicas, com figurinos, linguagem, entonações, gestos, tudo orquestrado de modo a garantir a emoção dos espectadores (SAFRAN, 2000: 70). Discursos de alfaquis, juristas, poetas, eram levados para enaltecer a figura califal e sua autoridade por meio de odes panegíricas, *Qaṣā'id* (p. *qaṣīda*), de maneira a convocar a fidelidade ao poder califal de maneira explícita e coletiva. Na corte cordobesa, o poeta possuía papel fundamental, pois o mesmo era o responsável por alardear as glórias do Estado, que se personificavam em sua máxima autoridade (VIGUERA e CORRIENTE, 1981: 43).





Ao lado da formação de uma classe de letrados que cantassem honras e corroborassem o poder califal, a preocupação dos califas também era a promoção e o desenvolvimento dos saberes, de modo a concorrer com o polo cultural que representava Bagdá no mundo muçulmano. A biblioteca califal era um tesouro inestimável e fora resultado de um largo investimento de interesse, aproveitamento e de reelaboração do diverso legado greco-latino. Sucessor de ‘Abd Al-Raḥmān III, o califa Al-Ḥakam Al-Mutaṣṣir procurou manter o trabalho de seu pai e ainda promover um maior florescimento cultural do Califado Omíada de Córdoba, tendo um papel relevante no progresso artístico e intelectual andalusino. É de Al-Ḥakam a façanha de constituir uma imensa biblioteca de obras adquiridas ou copiadas no Cairo, Bagdá, Damasco, Alexandria por emissários especialmente enviados para adquirir materiais para compô-la. Sua preocupação com a educação também é vista pela fundação de escolas de gramática, de retórica e de ciência de aḥādīṭ, formadas por professores oriundos da Síria, Arábia e do Iraque (ARNALDEZ, 1956: 19). Houve também um alto investimento na poesia, ao passo que houvesse uma admiração e imitação do estilo oriental, marcado pela *qaṣīda*, segundo o historiador Régis Blachère durante a época de Ibn Ḥazm encontrava-se em desenvolvimento um processo de distinção e de originalidade da poesia andalusina frente à poesia árabe, processo esse que culminaria em uma consciência própria a partir do séc. XII (BLACHÈRE apud ARNALDEZ, 1956: 19-20).

Com a ascensão do vizir Al-Manṣūr, alguns aspectos ficaram obliterados: o simbolismo ideológico, militar, monumental e em alguns casos cerimonial passaram a ser representados pelo grão-vizir. A figura de Hišām II permaneceria com o caráter cerimonial no tocante à legitimação do Califado – afinal, como poderia haver califado sem um califa? – No entanto todos os aspectos aqui citados que foram elaborados para validar a existência do Califado Omíada de Córdoba por seus antecessores foram transpostos para a imagem do grão-vizir. Ele não se proclamou califa, mas na prática era a máxima autoridade de seu tempo.

A usurpação simbólica do vizir Al-Manṣūr e a decadência do poder califal Omíada em Al-Andalus

As causas para a dissolução do Califado Omíada de Córdoba foram paulatinamente sedimentadas ao longo de vários anos: esta não se deu somente nos anos correspondentes à *fitna*, a guerra civil andalusina, (1009-1031) que marcou a alternância





de poderes califais de maneira caótica e a formação e a consolidação dos reinos de taifas em 1031, mas também nos anos em que o grão-vizir Al-Manşūr atuou como regente do califa Hişām II, quando da morte do pai deste, o califa Al-Ḥakam Al-Mutaņşir em 976.

A figura de Al-Manşūr é bastante curiosa, não apenas pelo papel político de destaque o qual obteve, mas também pela sua própria personalidade. Segundo conta o historiador Xavier Ballestín Navarro, no início de sua vida Al-Manşūr não se destacava dos demais jovens de famílias prestigiosas que iniciavam seus estudos em jurisprudência islâmica para se tornarem alfaqui (BALLESTÍN NAVARRO, 2004: 29), mas enigmaticamente conseguiria ascender a um posto inédito, nunca antes ocupado por qualquer um de seus concorrentes. Antes de receber a insígnia de Al-Manşūr, “o vitorioso”, o jovem Ibn Abi ‘Amir sairia de Torrox, hoje cidade pertencente à Málaga, para estudar em Córdoba, onde foi escolhido para fazer parte da administração do sultão desta cidade, o *ḥajīb* Ga’far b. ‘Utman al-Mushafi. A sua seleção para este cargo possui duas versões anedóticas: a primeira que o próprio *ḥajīb* o escolhera e apresentara à esposa do califa, Subḥ, passando a ficar sob o serviço da mesma; e a segunda de que a própria rainha o havia selecionado e o levado para dentro da corte administrativa palaciana (BALLESTÍN NAVARRO, 2004: 32-33). A proximidade de Ibn Abi ‘Amir e a rainha Subḥ deu origem a várias controvérsias sobre a natureza de sua relação, uma vez que por meio dela que o vizir alcançaria o seu posto mais alto, de grão-vizir (*ḥajīb*), cargo que nenhum outro vizir havia ocupado anteriormente.

De toda forma, é notório que graças à influência de Subḥ que Ibn Abi ‘Amir se tornou Al-Manşūr. Subḥ, por sinal, é uma figura extremamente poderosa, sujeitando até mesmo o próprio califa Al-Ḥakam Mutaņşir a seus desejos, como o de renegar seus outros filhos a favor do filho dos dois, Hişām II, ao seu posto de sucessor, algo feito seis meses antes da morte de Al-Ḥakam. A aclamação de Hişām II fora um feito inédito, pois o mesmo era um menino de onze anos que sequer havia chegado à puberdade, algo que posteriormente à morte do califa provocaria muitas críticas.

A morte de Al-Hakam Mutaņşir, ao que tudo indica, resultado do agravamento de uma doença prévia⁴ levou ao poder seu jovem filho e, por conseguinte, Abi Ibn ‘Amir (BALLESTÍN NAVARRO, 2004: 110). No entanto, originalmente não era essa a disposição pretendida pelo finado califa. Como assinalam outros historiadores como

⁴ O autor medieval Ibn Bassam narra que a doença de Al-Hakam Mutaņşir era a hemiplegia, isto é, a paralisia de metade do corpo, o que segundo os Anais médicos atuais pode ser resultado de um Acidente Vascular Cerebral.





Aránzazu Uzquiza Bartolomé, a escolha por Hišām II não fora sem propósito, pois os demais familiares de Al-Ḥakam elegíveis ao título eram nulos politicamente e o finado califa temia que a passagem do título a um sucessor não direto, no caso um de seus irmãos, enfraquecera o poder califal (UZQUIZA BARTOLOMÉ, 1992: 377). Todavia, ainda que Hišām II fosse aclamado como *Emir dos Emires* ao dia seguinte da morte de Al-Ḥakam, o exercício do poder seria realizado por um sultão, esta função delegada primeiramente a Ga'far b. 'Utman al-Mushafi, que fora designado a exercê-la diretamente por Al-Ḥakam em vida. Habilmente, seis dias após a aclamação de Hišām II, Al-Manşūr conseguiu destituir Ga'far do poder, por meio da influência de Subḥ sobre seu filho, assumindo ele então um novo papel, não apenas o de sultão, mas de um sultão com a prerrogativa do exercício do poder nomeada diretamente pelo califa, título esse que passaria a seu filho posteriormente (BALLESTÍN NAVARRO, 2004: 113).

Essa falta de poder califal ficaria expressa ao longo dos 26 anos de poder de Al-Manşūr, com algumas tentativas de retomar o poder para Hišām II desbaratadas, incluindo uma pela própria Subḥ que vira seu filho perder total controle do califado. Em 1002 Al-Manşūr morreria e ao invés de Hišām II finalmente assumir um papel ativo como califa, o mesmo manteve-se como uma figura meramente cerimonial, enquanto que o filho mais velho de Al-Manşūr, Abd Al-Malīk Al-Muẓaffar assumiu o posto de seu pai como grão-vizir, um cargo hereditário com um poder que superava a autoridade califal na prática. O enfraquecimento da autoridade califal tornava Hišām II apenas um fantoche para legitimar o poder viziral, algo que não passava despercebido pelos detratores e opositores do governo.

Todavia, tanto Al-Manşūr quanto Abd Al-Malīk eram figuras toleráveis e assumiam importantes papéis na defesa do Islã contra o avanço cristão no Norte da Península e também na defesa dos interesses califais no Norte da África e, por mais que sublimassem a atuação política de Hišām II, mantinham sua figura simbólica para a perpetuidade dos valores religiosos e políticos que garantiam a congruência e a unidade territorial de Al-Andalus. No entanto, em 1008 Abd Al-Malīk Al-Muẓaffar foi assassinado e subiu ao poder seu irmão, Sanchuelo, o qual já reclamava para si o direito ao posto de grão-vizir. Ele era uma figura nada ortodoxa que adotou para si títulos califais e exigiu que Hišām II o nomeasse como príncipe herdeiro califal, mobilizando para isso *fatwas*⁵ que justificariam sua nomeação como uma “vontade divina” (VALENCIA RODRÍGUES, 2009: 12-13).

⁵ Pronunciamento legal islâmico.





Com a crescente tensão contra seu governo, Sanchuelo partiria para uma campanha contra os cristãos no Norte durante o inverno de janeiro de 1009, onde misteriosamente “desapareceria” – provavelmente assassinado, o que deu a oportunidade para que a elite cordobesa fizesse Hišām II abdicar em favor de um neto de Abd Al-Rahmān III, Muḥammad II, conhecido como Al-Maḥdi, também omíada.

Neste tempo, o pai de Ibn Ḥazm, Aḥmad foi afastado de seu cargo de vizir, ainda que tendo sido perdoado pelo novo califa e teve de sair da cidade viziral de Madīnat Al-Zahīra, e voltar a morar no subúrbio de Balaṭ Muḡīt. Ainda que houvesse perdido o status financeiro e político, Aḥmad não perdera o prestígio e a influência, pois foi convidado para o falso enterro de Hišām II em abril de 1009. Asín Palacios retrata a figura de Aḥmad, ainda que idiossincraticamente estivesse ligada à família de Al-Manšūr, também estava profundamente ligada à defesa do direito califal de Hišām II, pois via neste califa a esperança do retorno de sua família aos círculos da corte (ASÍN PALACIOS, 1927: 69). No entanto essa esperança era equivocada, após o assassinato de Al-Maḥdi em Julho de 1010, Hišām II voltou ao poder e o general eslavo Wāḍiḥ, o novo favorito do califa, passou a perseguir a família de Ibn Ḥazm, aprisionando-os e confiscando suas possessões sob a acusação de alta traição (PUERTA VÍLCHEZ, 2013: 7).

A relação complexa de Ibn Ḥazm e sua família com a Banū ‘Amir (Al-Manšūr e descendência) e a Banū Marwān (omíadas) é um dado extremamente relevante para pensar dois pontos opostos que marcam a vida do autor: a perseguição sofrida por omíadas e a sua defesa da causa omíada. A legitimação dos omíadas como uma identidade única não é respaldada pela história de seus herdeiros, sempre disputando o poder central entre si mesmos quando da construção do Emirado Independente de Córdoba. Todavia, o Califado se forja na sua oposição aos califados do Oriente – Fatímida e Abássida – enquanto uma unidade, sendo a identidade omíada a base para a reivindicação da sua supremacia. Assim o que torna Al-Manšūr e Al-Muzaffar coerentes com a dinâmica omíada é que ambos não renegam esta supremacia, antes se utilizam dela para governar, uma vez que se colocam como defensores do Islā e do califa Hišām II. Entretanto, a quebra deste paradigma por Sanchuelo fez os próprios omíadas perceberem que a figura califal estava anulada, por isso a necessidade de combater todos aqueles que se vincularam ao governo amírida, aqui incluído Ibn Ḥazm, pela atuação política de seu pai, Aḥmad. As oposições e revoltas que Al-Manšūr sofreu não foram capazes de derrubá-lo porque o mesmo conciliava sua figura com a existência e a validade do Califado Omíada de Córdoba. Ainda que outros pretendentes viessem a reclamar a extinção de seu cargo de grão-vizir ou a substituição de Hišām II por um parente que atuasse como um califa





de fato, estas revoltas não pareciam ter maior legalidade que o poder representado pelo vizir. Todos aqueles que visavam o poder califal ou a destituição de Al-Manşūr acabavam como detratores e inimigos do Califado Omíada de Córdoba, pois Al-Manşūr assumia em si mesmo a insígnia de seu maior defensor.

Assim, consideramos que era coerente na época de Al-Manşūr e de Al-Muzaffar defender a existência dos poderes de grão-vizir, pois eles pareciam mais fortalecer o poder omíada que o enfraquecer, e as revoltas que houveram em seus mandatos foram entendidas como mais do jogo político de disputas, comum ao longo da liderança omíada ainda durante o emirado independente. A compreensão de que a família Amírída era uma ameaça à legitimidade omíada apenas se deu, portanto, com a investida de Sanchuelo ao se declarar califa.

A volta de Hişām II ao poder em 1010, no entanto, não traria estabilidade ao Califado Omíada de Córdoba. A situação ainda se agravaria com a disputa de um novo pretendente ao título califal, Sulaymān Ibn Al-Hakam ibn Sulaymān Ibn Al-Nāsir, primo de Hişām II. Desde 1009 Sulaymān disputava o poder com Hişām II, tendo se aliado aos exércitos mercenários berberes e conquistado algumas cidades. Ainda que Al-Maḥḍi que fosse elevado ao posto de califa pela sociedade cordobesa em 1009, Sulaymān que havia dado início à *fitna* andalusina de derrocada do Califado Omíada de Córdoba (1009-1031) ao evidenciar a nulidade do califa frente ao papel do grão-vizir.

Nesta disputa, anos de devastação e guerra se seguiram durante os embates entre os pretendentes omíadas. Em 1012, os exércitos berberes liderados por Sulaymān invadiriam Córdoba e nesta cidade se produziriam os principais embates entre exércitos eslavos e berberes. Sulaymān que por um momento pareceu ser a tábua de salvação da família de Ibn Ḥazm, acabou destruindo-a completamente, uma vez que Aḥmad foi assassinado pelos soldados berberes, seus aliados, assim como Córdoba cairia em longos anos de guerra civil. Até mesmo quando Sulaymān seria empossado como novo califa em 1013, a violência não cessaria aos habitantes cordobeses até que, por fim, a cidade seria assolada pela peste (ASÍN PALACIOS, 1927: 72).

Fortuitamente, um aliado de Hişām II, o general eslavo Jairán, ofereceria refúgio a Ibn Ḥazm na cidade de Almería, onde o autor se dedicaria a trabalhos em favor de uma restauração legitimista da causa omíada. Todavia, pelos revezes surpreendentes da vida de Ibn Ḥazm, esse mesmo Jairán acabaria por apoiar outro pretendente ao título califal, o general árabe-berbere de Sulaymān, Ali Ibn Ḥamūd, que conquistaria Córdoba em 1016





e inauguraria uma nova dinastia, a hamúdida⁶ (ASÍN PALACIOS, 1927: 74). Duras são as críticas que Ibn Ḥazm fazia a respeito de Jairán e da dinastia “invasora”, uma vez que com a ascensão hamúdida ao título califal a legitimidade omíada é completamente posta em xeque. Consideramos que para Ibn Ḥazm a *fitna* não começaria com a disputa entre omíadas, por mais que as disputas familiares ainda sob influência de Al-Manşūr e seus filhos tenha gerado a crítica ao posto califal, mas com a entrada de uma nova família que reclamaria para si o título califal: os hamúdidas, uma linhagem berbere, que nada partilhava das prerrogativas simbólicas que fizeram do poder omíada de Córdoba legítimo ante os poderes Fatímida e Abássida.

Até a efetiva derrocada do Califado de Córdoba, os poderes califais se alternariam entre estas duas dinastias: hamúdida e omíada, em alguns períodos seria disputado também entre oponentes de uma mesma dinastia. Em 1031, nenhum outro pretendente se levantaria para reivindicar o título califal, fragmentando o poder árabe-muçulmano andalusino em reinos de taifas.

A defesa de Ibn Ḥazm da causa omíada

Ibn Ḥazm cresceu e se viu envolto no panorama político omíada pela relação direta que seu pai possuía com a Banū ‘Amir. Filho não somente de um vizir, mas também de uma corte aristocrática, educado dentro de um projeto cultural pensado a legitimar e celebrar o poder vigente, que então instaurava a autoridade suprema na imagem do grão-vizir, o símbolo do Estado.

Não é um equívoco pensar, então, que Ibn Ḥazm defenderia a manutenção do poder omíada, pois foi sob este califado que seu status social se elevava. Todavia, aparentemente a família de Ibn Ḥazm esteve relacionada mais à defesa dos interesses de Al-Manşūr que dos omíadas propriamente ditos, pois após a morte do grão-vizir, o pai Aḥmad permaneceu em seu posto ministerial trabalhando para os filhos de Al-Manşūr, sem qualquer indício de adesão ao movimento popular que já se engendrava a favor de Hişām II e tampouco ao complô omíada que se articulava para colocar no poder califal Sulaymān, neto de ‘Abd Al-Raḥmān III (ASÍN PALÁCIOS, 1927: 65). Percebemos que a entrada da família de Ibn Ḥazm nos círculos de poder se deve mais à figura de Al-Manşūr, a despeito do prestígio e proteção que recebia de Hişām II, pois seu papel na

⁶ Ali Ibn Ḥamūd e sua descendência.





corte se manteve por seus vínculos com a Banū ‘Amir, e não com o califa. Assim, com a perda de rumo desta dinastia, Aḥmad e sua família seriam perseguidos até mesmo por omíadas que os associaram à perda de prestígio ocorrida sob a influência de Al-Manṣūr. Argumentamos então que Ibn Ḥazm tentaria reverter essa imagem, aliando-se fortemente à defesa da dinastia omíada para retornar aos círculos aristocráticos, seja por meio da atuação militar, seja por seus escritos, defendendo de forma ferrenha até a morte sua adesão à causa omíada diante de qualquer dinastia usurpadora do título califal. Cabe reforçar, como já comentamos, que a oposição “omíadas” versus “usurpadores” é manipulada por Ibn Ḥazm para acusar a dinastia hamúdida de ilegitimidade, contexto vivenciado quando nosso autor escreve a epístola *O Colar da Pomba*. Entretanto, antes desse período e após o mesmo, o próprio Ibn Ḥazm sofreria revezes provocados por disputas entre membros da Banū Marwān, o que nosso autor defende em sua epístola e é uma marca indelével de sua trajetória política é o reconhecimento dos símbolos de legitimação que coroam os omíadas como os verdadeiros detentores do título califal da *dar Al-Islām*.

Ao que tudo indica, a estratégia de enaltecer as insígnias da validade do poder califal omíada funcionou, pois, nosso autor retornaria aos círculos de poder na mesma época que escreveu a epístola *O Colar da Pomba*, se tornando primeiro-ministro do califa omíada ‘Abd Raḥmān Al-Mustaẓir Billah, que destituiria o califa hamúdida Al-Ma’mūn Al-Qāsim Ibn Ḥamūd. Aqui cabe a menção de que, surpreendentemente, Al-Mustaẓir Billah era irmão do califa Al-Maḥdi, o qual havia destituído Sanchuelo e dado fim ao poder amírida, assim como também havia destronado Hišām II. A volta triunfal de Ibn Ḥazm ao mais alto posto do poder viziral era, paradoxalmente, ao lado da família que havia dado início à derrocada de sua estirpe, outrossim, ela era omíada e essa era a causa que Ibn Ḥazm então defendia em oposição à dinastia hamúdida.

Considera-se que a data de elaboração de *O Colar da Pomba* estaria compreendida entre seu retiro anterior à adesão ao corpo político do califado de Al-Mustaẓir Billah e alguns anos depois do fracasso deste, isto é, entre 1022 e 1026. Todavia, consideramos que a preparação da epístola notoriamente se deu antes de sua atuação como primeiro-ministro do Califado Omíada, uma vez que Al-Mustaẓir Billah seria deposto por outro omíada, Muḥammad Ibn ‘Abd Al-Raḥmān ibn ‘Abīd Allah, este legado à história como “um governante inapto e cruel” por seus doze meses de governo. Assim, em virtude da imagem nostálgica que Ibn Ḥazm descreve o passado omíada e pela ausência de comentários sobre sua passagem no governo de Al-Mustaẓir Billah, é mais plausível que o autor estivesse em um momento anterior à volta omíada ao poder. Assim, Ibn Ḥazm





ensejava esse retorno dos omíadas, destituindo a dinastia hamúdida, não apenas por sua conhecida atuação política e militar, mas também por meio escritos propagandísticos, estratégia que se consumaria em vitória com a aclamação dos omíadas em Córdoba em 1023 e sua ascensão ao cargo que antes ocupava Al-Mansūr. Assim, o elogio de Ibn Ḥazm em *O Colar da Pomba* estaria condizente com o ambiente político encontrado que levaria à derrocada – naquele momento – dos hamúidas, ou seja, de nostalgia e de defesa de uma “dinastia de direito”, a Omíada, que era celebrada em sua epístola sobre o amor, elevando-a a um alto posto, o que o tornava novamente bem-visto entre os círculos da corte omíadas.

As passagens em que Ibn Ḥazm conforma seu discurso amoroso e doutrinação de fé com a causa omíada são variados e alguns deles sutis, o que incide na necessidade de um conhecimento prévio para perceber o direcionamento construído pelo autor. Todavia eles são importantes para a construção da validade do seu discurso, que lança mão de exemplos de personalidades de sua época para retratar suas considerações acerca do amor. Nesse sentido, as passagens em que Ibn Ḥazm defende sua causa política pelos exemplos amorosos se entremeiam entre as passagens que ele confunde – algo que consideramos intencional – os próprios sentimentos amorosos com ações de partido e de sua atuação política e militar.

Sobre a defesa da Banū Marwān, diversos familiares da dinastia omíada são elencados para exemplificar o amor, estes desde a época do emirado independente até a época da *fitna* andalusina, quando nosso autor lutava para restaurar o poder omíada. O panegírico que Ibn Ḥazm diz abertamente fazer em sua obra é em homenagem à Abu Bakr Hišām Ibn Muḥammad, irmão de Abd Al-Raḥmān Al-Murtaḍa, este conhecido como Abd Al-Raḥmān IV, que foi o califa apoiado por Ibn Ḥazm a derrubar Sulaymān. Abd Al-Raḥmān IV morrera em 1018 lutando contra os berberes da dinastia hamúdida que haviam pleiteado o título califal para si em 1016, após Sulaymān ser assassinado e suplantado pelos hamúidas, dando início ao Califado Hamúida. A poesia – *qaṣīda* – que Ibn Ḥazm faz para Abu Bakr reforça novamente nossa hipótese de que a epístola fora escrita antes do período em que nosso autor fora vizir de Al-Mustaẓir Billah, pois este também era irmão de Abu Bakr e de Al-Murtaḍa, mas é ao seu irmão mais velho que Ibn Ḥazm dirige seus versos ansiando a restauração omíada.

Antes de apresentá-la, outro dado a se levar em consideração é quanto ao capítulo em que Ibn Ḥazm traz esse pedido aberto pelo retorno da dinastia omíada ao poder: “Sobre o Retraimento”, o mesmo em que ele trata de sua admiração por Abu ‘Amir, neto de Al-Mansūr. O retraimento aqui retratado agora é associado a um amor, confundido





com uma adesão política, que ao se afastar gera aversão. Ele apresenta este retraimento da seguinte maneira:

Está depois o retraimento que provoca a aversão. Aqui as histórias estão sobressalentes, fracassam os estratagemas e se faz maiúscula a calamidade. É algo que deixam perplexos os espíritos. Quem é fulminado por essa desgraça, que se dedique àquilo que o amado ama e que se proponha a tudo aquilo que sabe que ele gosta. É preciso que evite o que sabe que ao amado aborrece. Talvez assim alcançará os favores do amado, se este é pessoa que conhece o valor do concerto e tem vontade de se fazer realidade. Já a quem desconhece, é fora de questão tirá-lo de seu estado. Pior ainda, seus dons passarão a seus olhos como faltas. Se o homem não pode dar a torcer seus sentimentos, que se proponha ao esquecimento e peça contas à desgraça e à privação em que se encontra, esforçando-se por conseguir o que deseja com qualquer meio que tenha em suas mãos. (tradução nossa) (IBN HAZM, 2009: 227)

| 13

Esta estratégia parece muito a empregada por Ibn Ḥazm para voltar ao seio da corte omíada, em ser novamente considerado como um aliado e não um opositor, que atendia aos interesses da Banū ‘Amir e por isso foi perseguido. Ibn Ḥazm encerra seu capítulo com sua adesão legitimista, ao descrever a situação desta categoria de retraimento com poesias laudatórias ao Califado Omíada de Córdoba:

“Bendiga Deus os dias que passaram e as noites,
Nos pareciam um nenúfar que se abre com fragrância:
Suas pétalas foram os dias, beleza e esplendor,
E seu centro a noite que encurta a existência.
Nos divertimos então, exuberantes e entranhados
Vinham, sem darmos conta, os dias e se iam,
Mas depois deles, chegaram outros tempos [grifo nosso], como
Ao pacto leal segue, sem duvidar, a traição.”
[E mais adiante]
“Não desesperes, oh alma, que nosso tempo
Talvez volte, de frente e verso, tal como
O Clemente devolveu o reino aos Omíadas [grifo nosso]
Refugia-te nas boas faces e tenha paciência.” (tradução nossa). (IBN HAZM, 2009: 230-231)

Nesta poesia claramente Ibn Ḥazm faz referência à dinastia hamúvida que lhe roubou os dias de glória, traindo a legitimidade do governo ao anelar para si o título que pertencia à família omíada. Após defender o retorno omíada, nosso autor declara então que nesta mesma poesia fez um panegírico a Abu Bakr, que mencionamos anteriormente:

Nesta mesma qaṣīda faço o panegírico de Abu Bakr Hiṣām Ibn Muḥammad, irmão do Comendador dos Crentes, Abd Al-Raḥmān Al-Murtaḍa, que Deus tenha piedade dele.





*Acaso não envolve nossa alma
Tudo que está distante e próximo,
Sem deixar por isso de estar
Fechada dentro do peito?
Assim o destino é um corpo
E seu espírito está no tempo,
Rodeado por tudo que contém,
Investiga-o tu mesmo, se te compraz.
A ela pertencem estes versos também:
Seus tributos e seus dons a ele vão oferecidos,
E a graça com que os aceita
É bem recebida, e agradecida.
Assim todos os rios deste mundo,
Por muito abundantes que corram
Acabam fundindo-se nos mares abissais (tradução nossa) (IBN HAZM,
2009: 231-233)*

Enquanto a poesia anterior é muito mais explícita quanto a sua defesa da causa omíada, após alegar que fez um panegírico de Abu Bakr, os trechos apresentados se tornam extremamente metafóricos. Não sabemos se isso se deve a uma escolha do nosso autor ou foi uma das mutilações impetradas pelo copista.⁷ De toda maneira, os versos nos levam a ideia de um chamado à sociedade ante a “injustiça” que se fez contra a legitimidade omíada e assim que ela reflita sobre seu presente político. A parte final deste capítulo é uma defesa clara do retorno de um omíada ao califado, o que também reforça a nossa hipótese de que a epístola foi redigida como uma propaganda omíada durante o poder hamúdida.

Outras passagens com referências aos omíadas aparecem ao longo da epístola, ainda que não tão abertamente laudatórias. Um exemplo muito interessante aparece no capítulo sobre a fidelidade, que é subsequente ao do reatamento. Após dar exemplos de fidelidade amorosa, Ibn Ḥazm apresenta a si mesmo e sua adesão política como um exemplo de fidelidade. Ele narra em uma poesia:

*De minha fidelidade me orgulho em um longo poema em que relaciono
as calamidades que me tem atormentado e conto as estadias, andanças
e vagabundismos a que de improviso me forçou a sorte. Assim começa:
Que se foi e se foi e com ele a bela paciência,
Mas as lágrimas proclamam o que o peito esconde,
Um corpo fatigado, mas um coração enternecido.
Quando sobreveio a separação, ela foi dolorosa.
Nunca se assentou em nenhuma casa ou pátria,
Nem chegou jamais a aquecer seu próprio leito.
Como essas nuvens vaporosas que, espaçosas,
O vento não consegue empurrar para outros horizontes,*

⁷ O copista do único códice sobrevivente da epístola *O Colar da Pomba*, datado de 1338, informa no colofão que “resumiu” a maioria das poesias e deixou apenas as mais notáveis na obra.





Ou como a ideia de um único Deus, que se a introduz
Na alma de um herege, se entedia e a rechaça.
Ou uma estrela que, em seu périplo, corta o firmamento
E que sua rápida marcha obriga, após curtos ocasos
A novas alvoradas [...]
Penso que se ela quisesse recompensá-lo ou ajuda-lo
Jogaria sobre ele uma torrente de lágrimas, que o seguisse. (IBN
HAZM, 2009: 244-245)

Aqui a fidelidade de Ibn Ḥazm é apresentada quanto à sua defesa da legitimidade omíada, pois os revezes que sofreu em sua vida e a perda de prestígio se dá pela derrocada gradual do Califado Omíada de Córdoba. E ele ainda vincula a ideia de uma fidelidade amorosa com a de uma fidelidade doutrinária quando segue contando sobre as perseguições políticas que sofreu por sua maneira de pensar:

Também me vanglorio da fidelidade em uma longa qaṣīda que trago aqui a menção, por mais que seja, em grande parte, alheia ao teor deste livro. A razão de que a compusesse foi a seguinte: alguns dos que me atacavam, aos que eu havia superado por meu brilhantismo, me jogaram na cara várias reprimendas mal-intencionadas e me acusaram de sustentar com minha dialética doutrinas fúteis, por sua impotência na hora de plantear uma oposição aos argumentos por mim avançados fazendo triunfar a verdade e quem a defende, e de pura inveja que tinham de mim. (tradução nossa) (IBN HAZM, 2009: 245-247)

Mais adiante, vemos no capítulo sobre a morte, que Ibn Ḥazm retrata a ascensão da dinastia hamúvida e a derrocada da omíada. Neste capítulo, nosso autor narra as agruras que passou com a epidemia de peste em 1011, o saque de Córdoba pelas tropas berberes em 1012, o assassinato de Sulaymān em 1016, com a atribuição do título califal a Ali Ibn Ḥamūd Al-Hasani, chamado de Al-Nasir, a prisão e o desterro sofridos pelas mãos do escravo Jairán e seu apoio a Abd Al-Raḥmān IV (IBN HAZM, 2009, 347-351). O contexto narrado por Ibn Ḥazm é de total desolação, ainda que a morte seja exemplificada pela perda do ser amado, esta acontece durante a destruição da Córdoba omíada, com a derrota dos governantes omíadas e a ascensão hamúvida. Das histórias narradas, uma chama a atenção pela associação com o projeto cultural omíada que tratamos: conta Ibn Ḥazm que entrou na cidade de Córdoba já em 1021 sob o governo do califa hamúvida Al-Qāsim Ibn Ḥamūd al-Ma'mūn para consolar um amigo que perdera o irmão, chamado Abu Abdallah, o qual era um profícuo literato, e se interessou em ter as obras do falecido, pois tudo que nosso autor possuía de escritos do mesmo havia desaparecido durante o saque da cidade. Todavia o irmão lhe contou que nada mais restava, pois:

Me contou que quando se acercou dele a morte e esteve certo de que o ceifador estava à espreita, não tendo a menor dúvida de que seu fim era





próximo, mandou trazer todos seus poemas e, junto com as cartas que eu lhe havia remetido ao responder as que traziam ditos poemas, as rasgou todas em mil pedaços, e logo ordenou enterrar. Eu lhe disse: “Irmão, deixa que eles sobrevivam a ti”, ele me respondeu: “Ao destruí-los, bem sei que rasgo literatura muito boa. Mas se Abu Muhammad – ou seja, eu mesmo [Ibn Ḥazm] – estivesse presente, as deixaria em suas mãos como recordação do afeto que a mim tinha. Mas ignoro que país o oculta, e não sei se está vivo ou morto.” Minhas calamidades haviam efetivamente chegado a seus ouvidos, mas ele desconhecia meu paradeiro e não sabia que havia sido de mim. (tradução nossa) (IBN HAZM, 2009: 355)

Nessa passagem, o amigo de Ibn Ḥazm decide levar consigo ao sepulcro a sua obra literária, a mesma apenas poderia sobreviver se estivesse nas mãos do nosso autor, como se o mesmo fosse o último baluarte da arte que ambos representavam dos tempos califais omíadas. A morte de Abu Abdallah em meio à presença da dinastia ilegítima, também tornava a sua obra inadequada para esse mundo, pois era “boa demais” e apenas uma pessoa a mereceria, curiosamente aquele que defendia a Banū Marwān. A morte, portanto, do Califado Omíada também perfazia a morte da literatura de alta qualidade que fora produzida sob seu projeto cultural.

Apesar da morte de seu pai ter sido muito impactante para Ibn Ḥazm, ela não figura no capítulo sobre a morte, mas no capítulo sobre o consolo do esquecimento. Neste capítulo, Ibn Ḥazm entremeia sua narrativa de desterro de Córdoba e a morte de seu pai com a vida de uma escrava a quem conheceu jovem, quando ainda fazia parte da aristocracia. Durante o Califado de Córdoba, a mesma era uma escrava cantora muito bela, mas que parecia não corresponder aos desejos do jovem Ibn Ḥazm e que durante a expulsão da cidade viziral Madīnat Al-Zahīra, a sua família não a levou consigo ao novo lar. Em 1012, ele volta a vê-la no enterro de alguém de sua família, e as lembranças de sua juventude o entristecem:

Posteriormente, após a chegada ao trono do Emir dos Crentes Hišām Al-Muayyad, caíram sobre nós calamidades e fomos vítimas de perseguição de quem segurava as rédeas de seu reino, tendo que sofrer a dura prova da prisão, ver vigiados nossos menores movimentos, ter que pagar por falhas escandalosas e ficarmos reduzidos a uma vida clandestina. Então veio a revolta que tomou todos os lugares, prendendo todo mundo, e a nós mais que a ninguém, até que meu pai morreu [...]. Assim continuaram os ventos soprando contra nós, até que para atender a um enterro de alguém de nossa família e ajudar nele, voltei a vê-la. [...]. Sua visão ressuscitou em mim uma paixão sepulta, removeu em meu interior algo inerte e trouxe a minha memória uma época antiga e um amor antigo, um tempo já passado e uma etapa apagada da minha mente, meses transcorridos, novas já manjadas, prazos extintos, dias idos, vestígios apenas desenhados. Ao vê-la se renovou minha tristeza e se reavivaram meus sabores, que vieram a somar a outras penas





que já naquele dia me afligiam. Não a havia esquecido, antes bem sua visão aumentou minha infelicidade, atçou meu tormento, assentou minha pena e redobrou minha tristeza. (tradução nossa) (IBN HAZM, 2009: 331)

A beleza da jovem escrava que ressurgia em um momento tão fúnebre fez o jovem Ibn Ḥazm recordar da beleza de sua vida anterior, e contrastá-la com a vida caótica em que se encontrava. Sua beleza se traduzia como nostalgia, como se a escrava personificasse o próprio Califado Omíada de Córdoba.

Essa comparação, por certo, é enfatizada na segunda vez que Ibn Ḥazm encontra a escrava, desta vez em 1019, quando o califado está sob o poder hamúvida. Os tempos omíadas faziam parte do passado e ao ver a escrava, o mesmo constata que sua beleza também desvanecera:

Não permanecia nela senão a parte que se recorda o que fora o todo, essa pitada que dá uma ideia do que outrora fora um conjunto, na razão da pouca atenção que havia prestado a si mesma, ou por ter-lhe faltado o cuidado que havia desfrutado durante os dias em que os ventos sopravam a nosso favor [grifo nosso] e ela gozava de nossa grande proteção, e também por ter derrotado suas energias nas suas saídas de casa, a realizar tarefas próprias de sua condição, das que antes era resguardada e cujo cumprimento era eximida. (IBN HAZM, 2009: 333)

Assim, a beleza da escrava serve como alegoria para nosso autor falar também da ruína de Córdoba. Enquanto sob o poder omíada, a escrava e a cidade viviam sob grande esplendor, após as revoltas e sob o poder de uma dinastia invasora, sua aparência seria destruída, como foram as cidades palacianas omíadas de Córdoba.

Antes de terminar sua epístola, Ibn Ḥazm ainda faz um elogio à excelência da castidade, trazendo novamente um representante omíada para demonstrar como Deus está com quem a pratica (IBN HAZM, 2009: 427). Em uma longa poesia de lamento, exortando os crentes de que a vida mais importante é aquela após a morte e que os poderes terrenos são temporários, Ibn Ḥazm encerra sua epístola com a esperança de haver dias melhores. Retrata, então, a si mesmo como um homem abatido pela situação presente, mas que tem a engenhosidade de recordar do passado e esperar a promessa divina dias melhores:

Falar de coisas como essas só é possível quando se está isento de inquietudes e o coração anda leve. É uma coisa admirável que, apesar de tudo que passei e das desgraças que me vieram, uma mente como a minha tenha conservado algumas coisas na memória, ficando um rescaldo delas e sendo capaz de recordar feitos passados. Mas tu já





sabes que meu entendimento anda transtrocado e meu espírito quebrado pela situação em que nos encontramos, ao estar afastados do lar, expulsos da pequena pátria, agora que os tempos fazem seus estragos, sofrendo os desmandos dos poderosos, vendo como os amigos nos viram as costas e advertindo como nosso estado vai de mal a pior e cada dia traz nova mudança; e se vai a abundância e se distancia a riqueza, da mesma forma a conquistada e a herdada, evaporando-se a fortuna de pais e avós. Se encontra assim estranho na terra que habita, voam dinheiros e influência, ruma como olhar para a parentela e pelos filhos, desespera já de poder retornar ao lugar onde se familiariza e se bate por fim contra o destino, à espera das vicissitudes que ainda este o depara. No entanto, que Deus não nos permita nos queixar a outro senão a Ele e que nos faça voltar ao melhor de que nos havia acostumado! (tradução nossa) (IBN HAZM, 2009: 451)

Nitidamente para Ibn Ḥazm o Califado Omíada não é um passado, mas um futuro possível, assim ele escreve a epístola com a esperança de reaver seus dias de glória. Ainda que afirme que os homens não teriam controle direto sobre o futuro e este estaria nas mãos de Deus, ele encerra seu último capítulo com uma mensagem de certo otimismo:

Da desesperança fiz bastão e couraça,
Pois jamais do ultrajado vesti os hábitos.
Mais que a maioria das pessoas, tenho
Essa mania que me protege, não igual a outros.
Se minha religião e minha honra são minha lei,
O que fica atrás não me preocupa.
O ontem já passou, se verei o amanhã como saberei,
Assim pois, por que razão vou me afligir? (tradução nossa) (IBN HAZM, 2009: 453)

Conclusão

Consideramos assim que Ibn Ḥazm escreve *O Colar da Pomba* inserido em um contexto de descontentamento com o poderio hamúcida, entre os anos de 1022 e 1023, durante a fitna e a todo momento o mesmo relaciona os temas de seus capítulos com críticas ao poder vigente e louvores ao omíadas, pensamento que vinha ao encontro da opinião pública que acabou por derrubar o califa hamúcida para restaurar o poder omíada e, curiosamente, também alçar Ibn Ḥazm ao poder.

O poder omíada, sólido por quase trezentos anos, foi repleto de revezes internos, ainda que mantivesse a hegemonia sobretudo calcada na elaboração de símbolos de legitimação de seu poder. Esse processo de legitimidade e afirmação ganhou um viés mais orquestrado com o advento do Califado Omíada de Córdoba, no qual se assentou a validade do posto califal por meio de elementos cerimoniais, arquitetônicos e de discurso.





Neste último, temos a elaboração do Projeto Cultural Omíada com a função de promover Córdoba como novo polo de conhecimento e saber do mundo árabe-islâmico, e dentro deste projeto temos a formação de nosso autor, Ibn Ḥazm. Este, como representante deste legado científico, promove a defesa de seus patrocinadores em *O Colar da Pomba*, tornando sua epístola um símbolo da riqueza literária da herança científico-filosófica omíada e também a propaganda de resistência de seu poder temporal.

Referências

AL-JABRI, M. **Introdução à crítica da razão árabe**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1999.

ARNALDEZ, R. **Grammaire et théologie chez Ibn Hazm de Cordoue**. Essai sur la structure et les conditions de la pensée musulmane. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1956.

ASIN PALACIOS, M. **Abhezám de Córdoba y su historia crítica de las ideas religiosas**. Madrid: Turner, 1927. Tomo I.

BALLESTÍN NAVARRO, X. **Al-Mansur y la dawla ‘amiriyya: una dinámica de poder y legitimidad en el occidente musulmán medieval**. Barcelona: Publicacions I Edicions de la Universitat de Barcelona, 2004.

IBN HAZM al-andalusi. **El Collar de la Paloma**. El Collar de la tórtola y la sombra de la nube. Tradução de Jaime Sánchez Ratia. Madrid: Hiperión, 2009.

MARTINEZ-GROS, G. **L'idéologie omeyyade: La construction de la légitimité du Califat de Cordoue (Xe-XIe siècles)**. Madrid: Casa de Velásquez, 2017. (Edição Kindle).

PUERTA VÍLCHEZ, J. Abū Muḥammad ‘Alī Ibn Ḥazm: A Biographical Sketch. In: ADANG, C. et al. (ed.). **Ibn Hazm of Cordoba**. The Life and Works of a Controversial Thinker. Leiden: Brill, 2013.





SAFRAN, J. **The Second Umayyad Caliphate**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

UZQUIZA BARTOLOMÉ, A. La familia omeya en Al-Andalus. In: MARÍN, M. e ZANÓN, J. (ed.). **Estudios onomástico-biográficos de Al-Andalus** (familias andalusíes). Madrid: CSIC, 1992.

| 20

VALENCIA RODRÍGUEZ, R. **Las Taifas del Siglo XI en Andalucía**. Sevilla: Caja Granada, 2009.

VIGUERA, M. e CORRIENTE, F. YUND. In: IBN ḤAYYĀN. **Cronica del califa ‘Abdarrāḥman III An-Nāṣir entre los años 912 y 942 (al-Muqtābis V)**. Tradução, notas e índicas por Maria Jesus Viguera e Federico Corriente. Zaragoza: Anubar Ediciones, 1981.

